

# A FOME NA RUSSIA

Causas e efeitos

Pelo DR. NÅNSEN

(Ilustrado com nove gravuras)

O produto líquido deste pequeno album destina-se aos famintos russos. — Preço \$30

E' dever de todos os povos e está até mesmo no seu interesse salvar os famintos russos

ESPÓLIO PINTO-QUARTIM

N.º 1807

B. 1911



s + amlan



DR. NANSEN

# A FOME NA RUSSIA

Texto stenografado do discurso pronunciado perante mais de seis mil pessoas, no Trocadero, em Paris, pelo grande homem que se entregou à tarefa de salvar os famintos russos.

As pessoas que queiram contribuir para esta obra de humanidade, podem enviar as suas dádivas à administração de A BATALHA, Calçada do Combro, 38-A, 2.º, Lisboa.



**A fome estende o seu manto doloroso de morte em tôda a região do Volga. Os famintos, na sua fuga desordenada, louca, caem de vez aqui e ali. Esta gravura representa cadáveres ao longo da via férrea, em Chuvash.**

## O nosso primeiro dever é obrar enquanto é tempo

Há quatro meses, na sua assembleia solene em Genebra, chamei a atenção da Sociedade das Nações para a situação da Rússia e para a fome que já começava a devastar a região do Volga. Perante o mais alto tribunal da humanidade, tentei expor os perigos que ameaçavam a pátria russa. Disse que imensas extensões de território, províncias inteiras estavam igualmente ameaçadas de se despovoarem por efeito duma fome perigosa. Anunciei não só que essas regiões estavam em perigo, como também que era sobretudo preciso vigiar que a terra pudesse ser semeada no outono, para que houvesse bastante pasto para os cavalos, o gado não morrer de fome e as populações poderem cultivar os campos.

Eu tinha medo, e infelizmente com sobeja razão, de que, se não viessem de toda a parte socorros à Rússia, essas populações viessem a achar-se completamente nuas, sem sementes e sem pasto.

Sabemos agora que o pasto, as sementes e os cereais se encontravam com fartura muito perto das fronteiras da Rússia. Navios nos portos e locomotivas nas gares estavam prestes a transportá-los. Milhares e milhares de desempregados, um pouco por toda a parte e em todo o mundo, regosijar-se-iam de trabalhar nêsse abastecimento da Rússia. Eu pedia a todos os governos do mundo, para ocorrer às necessidades mais urgentes, nos concedessem cinco milhões de libras esterlinas, apenas metade do valor dum dos grandes couraçados

de guerra, mas os governos fizeram ouvidos de mercador. E eis que essa fome que eu anunciara há quatro meses



*Crianças famintas numa habitação rural de Chuvash. Como estas, há milhões delas atingidas pelo flagelo, que perecerão se a solidariedade mundial se fizer demorar.*

acaba de chegar. É sem dúvida a maior de quantas fomes a História já mais registou. Bem pior do que eu receava; porque não é uma região de 10 ou 15 milhões de habitantes que é atingida, é uma região de 33 milhões de habitantes, duas vezes maior que a França. Nesses 33 milhões há 19 milhões que estão ameaçados de morte e com certeza 10 a 12 milhões que morrerão se lhes não acudirmos. Mas ainda que lhes acudamos, muitos milhões já não é possível escaparem, por já ser tarde em demasia. Contudo, se os governos procederem e procederem depressa, ainda se poderão poupar milhões de vidas, mas sempre com esse pesar de que muitos milhões doutras vidas já não é possível salvar-se. E isto é tanto mais urgente que essa vasta região do Volga é habitada por uma população agrícola, camponeses que só vivem das suas culturas. Se não poderem semear no outono e na primavera, não poderão colher em julho e setembro. Não seria portanto a fome só neste ano, mas uma fome ainda mais terrível no ano que vem. Devemos, nos dois meses que nos restam, não só achar os meios de salvar a vida aos trabalhadores da terra, mas também levar-lhes com que semeiem essa terra.

Dois problemas se levantam diante de nós: o primeiro é de instante necessidade: antes de mais nada, salvar o semelhante. O segundo é impedir que a terrível fome dêste ano ressurgja ainda mais terrível no ano que vem.

### **Razões injustas dos que não querem socorrer os famintos**

Bem sei que podemos encontrar quem nos pergunte: — « Afinal, que obrigação temos de nos irmos ocupar dos desgraçados que morrem lá em baixo, a milhares de quilómetros, ao longo duma ribeira gelada? » Responderei com duas razões peremptórias:

1.º — O interesse económico da Europa. — Não creio e estou convicto de que ninguém, por um instante sequer,

possa crer que seja prudente para a Europa deixar que o seu maior celeiro se transforme num deserto despovoado;

2.º — Esta razão parece-me tam forte e tam impressionante que já nem se discute. Na verdade, podem os povos da Europa ficar de braços cruzados perante tamanha desgraça, deixando que milhões de mulheres e de crianças morram de frio e de fome nas planícies geladas da Rússia? — A humanidade não deve consenti-lo!

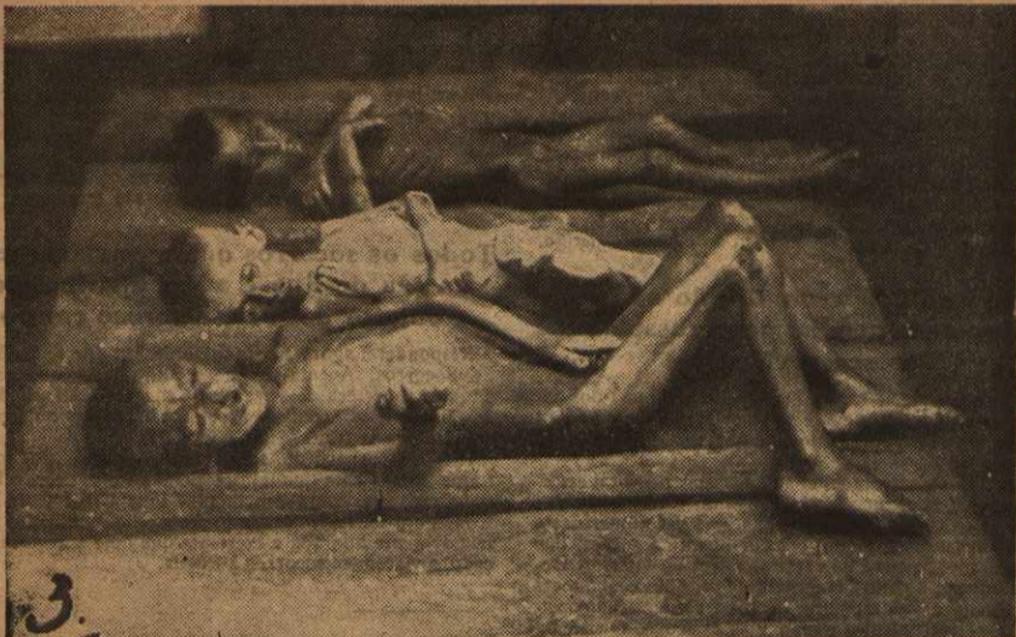
Bem sei que se tem discutido a nossa acção, que na imprensa se tem levantado objecções contra nós e contra a obra que temos tentado organizar. — Vou examinar esses argumentos com toda a imparcialidade necessária. — Quais são elles? — Há-os de três espécies:

Em primeiro lugar, foi dito em certa imprensa que se os governos levassem socorros à Rússia, de certo modo contribuiriam para conservar no poder o governo dos soviets.

A segunda razão que alegam é que não era possível adquirir a absoluta certeza de que os socorros chegassem ao seu destino.

A terceira razão, provavelmente a mais séria, veiu da parte dos governos e é esta: que a situação económica em geral é hoje tam grave, que aos governos se afigura difficil impor às suas populações sacrificios, por leves que sejam, para acudir a uma nação estrangeira e distante.

Não me alongarei a responder ao primeiro argumento, porque, nesta questão da fome como na dos prisioneiros de guerra, sempre puz rigorosamente de parte a política, e a todos peço que se dignem de fazer o mesmo. Por mostrar na Europa que existem bons corações, não creio que se ajudem os bolcheviques a manter-se no poder. Mas haverá alguém que esteja pronto a seguir um tal argumento até à sua conclusão lógica? ¿ Quere dizer, haverá quem esteja pronto a sustentar que com o fim de se mudar o governo dos soviets que hoje existe na Rússia, se devam deixar morrer de fome vinte milhões de homens, mulheres e crianças? Não o creio, não o posso crer, e não receio dizê-lo. Se os que estamos aqui fôssemos marinheiros que na-



3.

**Eis o resultado da grande seca e do bloqueio infame. Estes inocentes já não precisam de auxilio. Contam-se por milhares as vitimas. ¿E quantos milhares, talvez milhões, sucumbirão ainda se o socorro não for rápido e generoso?**

vegássemos ao longe, no vasto mar, e descobríssemos um navio em perigo iminente, lutando contra uma furiosa tempestade, qual seria o nosso primeiro cuidado? Pedir ao capitão do navio em perigo que nos desse copiosas explicações sobre a sua anterior maneira de navegar, trocar com êle numerosas observações, comunicar-lhe a nossa crítica ás suas teorias de navegação, e ainda em cima mandá-lo fazer promessas, arrancar-lhe o compromisso de não mais navegar segundo as suas ideas, aceitando as nossas como infalíveis? Não, tenho a certeza de que nenhum de nós faria assim, sabendo todos bem que se o fizéssemos deixaríamos morrer afogados a tripulação e os passageiros. Só uma coisa a gente faria: voar em socorro do navio em perigo.

### **A responsabilidade do flagelo não pode ser imputada nem ao povo russo nem ao seu governo**

Vai-se, porém, mais longe. Diz-se que o sistema dos sovietes é que originou a fome, e que por conseguinte é inútil ajudar o povo russo enquanto esse governo estiver no poder.

Gostava de poder responder minuciosamente a tal argumento, mas é, infelizmente, pouquíssimo o tempo de que posso dispor. Ainda assim direi que uma das numerosas e múltiplas causas da fome foi principalmente a guerra, que durou sete anos, quatro no exterior e três no interior. Depois o bloqueio, a rotura completa de relações económicas entre a Rússia e o estrangeiro; depois a depreciação considerável dos instrumentos e máquinas agrícolas. O sistema de requisições do governo dos sovietes decerto que também contribuiu em grande parte para a redução da cultura. Finalmente, e essa é a causa primordial, a terrível seca que devastou a região do Volga. E se antes da guerra uma seca semelhante já tinha devastado essa região, uma fome tão terrível ou quasi tão terrível haveria de seguir-se, e duvido

que a Rússia tivesse podido lutar sôzinha contra essa calamidade.

Tinham-se visto outras fomes, conheceram-se as secas de 1891 e 1914; mas nunca se sofreu uma fome como aquella que tem assolado o Volga em 1921 e 1922.

Perdeu-se quasi toda a colheita, e se um tal acontecimento fôra produzido antes da guerra, teria abalado até o Estado mais forte. Ora o Estado russo, como todos sabem, nunca foi muito robusto. Por isso, mais que qualquer outro, o auxilio do estrangeiro torna-se-lhe indispensável para combater uma fome de que êle não tem culpa. (1)

### **Todos os socorros que se enviam chegam ao seu destino e a sua distribuição é objecto do mais rigoroso control**

Responderei agora à segunda objecção que se faz à Obra de Socorros. Aventa-se que é difficil, senão impossivel, adquirir a certeza de as remessas chegarem ao seu destino. A tal respeito, convem examinar diferentes objecções de detalhe que se tem feito.

Relativo ao acôrdo feito com o governo dos sovietes, todos sabem com que injusta violência esse acôrdo foi atacado. A sua conta espalhou-se toda a espécie de lendas. Conseguiu-se fazer vingar preconceitos tendentes a fazer pensar gente honrada e excelente que hoje é deveras arriscado enviarem-se socorros à Rússia.

---

(1) Isto responde cabalmente ás calúnias bolsadas pela imprensa mercantil. Ainda no dia 22 o *Diário de Notícias*, num editorial conselheiresco em que se lamentava de não haver educação religiosa, transcrevia isto dum jornal estrangeiro:

«Não resta a menor dúvida de que os bolchevistas são directamente responsáveis pela fome que domina a Rússia.»

Essa imprensa, porém, não dá nem pede um centavo para as vítimas da fome!



*Estes mártires já não necessitam de socorro. Urge evitar que a fome continue a fazer vítimas. É necessário reparar rapidamente o mal produzido pelo egoísmo criminoso dos exploradores do povo, salvando a tempo as crianças e os adultos atingidos pelo flagelo e que ainda vivem.*



*O número de agonisantes aumenta de momento para momento. Uma pequena indecisão no socorro arremessará para a vala comum dezenas, talvez centenas, de crianças e adultos; é urgente que os socorramos.*



**Uma criança faminta que se desfinha na enfermaria dum hospital. A fome já cravou bem fundo as suas garras mortíferas no corpo esquelético do inocente. Se a obra de socorro se fizer esperar, leitor, milhares, milhões de criancinhas sucumbirão depois dum lento e cruel sofrimento.**

Quisera dissipar duma vez todas as dúvidas que assim se teem arreigado no espírito de tanta gente. Sempre afirmei e afirmo que o meu acôrdo dava-me e dá-me todo o control desejável sôbre todas as remessas. Se bem que eu sempre achasse admirável o accordo americano efectuado pelo sr. Hoover, os pontos em que êle difere do meu pareceram-me sempre praticamente inaplicáveis, e a experiência já mostrou que eu tinha razão. Tenho lá em baixo dúzias de colaboradores que trabalhando a meu lado teem podido verificar a marcha da minha organização. O melhor argumento que posso apresentar é que a distribuição dos socorros americanos funciona hoje em bases idênticas àquelas que eu estabeleci. Assim, qualquer pessoa que contribua para a Obra de Socorros pode ficar certa de que o que dá chega integralmente ao seu destino.

Dizem ainda: — «Como quereis que, num país onde reina a anarquia, os combóios não sejam assaltados e os transportes se não tornem impossíveis?».

A êste respeito tem-se espalhado uma quantidade de lendas absolutamente falsas, histórias de combóios assaltados e de depósitos postos a saque. Sim, tudo isso é pura fábula, pois todas as provisões que para lá remetemos são transportadas em vagões chumbados, com os sinetes competentes. Esses vagões percorrem o território russo sob a guarda e responsabilidade do governo dos sovietes, e até hoje temos tido a satisfação de nos certificar de que os objectos chegam regularmente com os selos intactos, sem perda apreciável. Para que assim aconteça tem o governo dos sovietes tomado todas as medidas necessárias. Que saibamos, apenas se perdeu ou roubaram uma encomenda destinada à Sociedade dos Amigos dos Quakers. Os quakers fizeram reclamação ao governo dos sovietes, que logo no dia seguinte pagou com um cheque sôbre um banco inglês.

Do que estou convicto é de que a tarefa é hoje muito mais dura do que o fôra se tivéssemos recebido socorros mais cedo. Os transportes, de inverno (já o disse do alto da tribuna de Genebra) são mais difíceis em consequência

do gelo das ribeiras e da neve que bloqueia as estradas que conduzem das cidades às aldeias. Mas, apesar de tudo, os transportes fazem-se.

Apresenta-se emfim um último argumento: o receio de que as autoridades façam distribuições incompletas. — Não ocultarei que a distribuição é uma cousa extremamente difícil num país esfomeado, onde a tentação de roubar é naturalmente muito forte. Tendo os americanos tido conhecimento de roubos numa pequena cidade, instalou-se depois um sistema muito prático e muito exacto de senhas, que se entregam em troca da ração que se recebe. Este sistema está em vigor e permite um rigoroso control a todas as distribuições, mas ainda assim subsistem grandes dificuldades.

E' certo, como já disse, que a neve bloqueia as estradas, que os cavalos são mortos ou morrem uns após outros; é certo que os camponeses famintos já estão tam fracos que muitos até nem podem chegar aos postos de socorro. Mas apesar de tudo isso, as lendas absurdas que se teem espalhado não teem fundamento algum, como fundamento não tem o perigo de se saber que roubam as encomendas. E tenho a acrescentar que durante toda a minha experiência, tanto nesta obra de socorro e de luta contra a fome como na obra organizada pela Sociedade das Nações para reparar os prisioneiros, obra em que trabalhei anteriormente durante ano e meio, verifiquei que as autoridades soviéticas tudo teem feito para me ajudar, que me teem dado todas as facilidades que tenho pedido e todas as garantias que tenho sugerido. Quem tenha dúvidas a tal respeito pode, pois, dormir descansado.

## **E' de absoluta necessidade acudir à Rússia**

Vamos agora emfim responder à questão fundamental. — Mas que questão é essa? Não é de modo nenhum esta: — *Qual é a causa da fome? E' antes est'outra: — Ainda há necessidade de socorros? Permitirão eles à gente do*



**Doentes na enfermaria de Shihkrani; os seus corpos descarnados atestam hem os horrores da fome, que continuará fazendo vítimas se a solidariedade das pessoas de coração, libertas de preconceitos, não se opuser à perfídia do capitalismo.**

*campo retomar o trabalho, renascer para a vida laboriosa, ou será isso um mero paliativo, um expediente temporário que por fim de nada servirá?*

Para esta pergunta só há uma resposta: — Sim, merece a pena de mandar socorros e mandá-los depressa, não só, com efeito, para salvar vidas humanas, mas para as salvar definitivamente, mandando-se esses socorros em quantidade suficiente para que de novo possa pôr-se de pé essa região laboriosa da Europa.

Mas ainda se tem dito mais: — «Os governos não podem, não teem justificação para olhar para tam longe antes de terem feito quanto possam para melhorar a situação interior dos seus próprios países.» Diz-se e repete-se que a Europa não pode hoje dar-se o luxo de ir salvar a Rússia, e eu então respondo, com todas as veras de alma, que o que a Europa não pode é dar-se o luxo de descurar de salvar a Rússia. Ela não pode perder esse celeiro. E o flagelo que a ameaça não se limita a este ano, mas está em risco de se prolongar, estendendo-se ao ano que vem.

São os dois grandes problemas que é mister resolver imediatamente durante os dois meses que se vão seguir. A Europa não pode deixar passar esses dois meses sem salvar as populações pelo menos até Julho e permitir-lhes que façam a esperada colheita. Se nada se tentar, a região do Volga transformar-se há rapidamente num deserto. Ora a Rússia não poderá voltar a ser um mercado para os produtos fabris da Europa enquanto o Volga permanecer um deserto. Esse celeiro e esse mercado são indispensáveis à vida económica da Europa, e não é unicamente um acto generoso, é também um bom negócio salvar a Rússia.

**O governo dos sóviets tem feito todo o seu dever na luta contra a fome, mas o seu esforço não é suficiente**

Dos três argumentos com que me objectaram em Setem-

bro passado quando apelei para os governos do mundo, nem um só suporta, não suportou a prova dos factos.

— Mas põem-me igualmente est'outra questão: — Porque o governo dos sóviets nada faz para socorrer o seu próprio povo?

Já mostrei quanto a Rússia era fraca e como sósinha não podia ocorrer a essa grande miséria. Contudo, é bem preciso dizer que o governo dos sóviets fez muito mais para acudir aos famintos do que em geral se julga no Ocidente. — Primeiro que tudo, êle conseguiu recolher as sementes necessárias para semear uma grande parte da região do Volga, o que é um resultado importantissimo. A seguir, o que era ainda muito mais difficil, conseguiu que os camponeses ameaçados pela fome semeassem com os sacos de cereais que lhes levavam. E' verdade que isso custou eno: mes quantias ao governo dos sóviets, que com esse fim gastou 750 milhões de francos. Em vez de distribuir esse trigo pelos famintos, o governo houve por bem empregá-lo como semente, o que fez estender a miséria a mais 2 milhões e meio de habitantes.

Mas a colheita do Volga era de tam magna importância na vida económica da Rússia, que nenhum estado poderia passar sem ela. Sabendo que o governo dos sóviets não podia de per si desempenhar-se da tarefa, eu terminava o meu chamamento aos governos em Setembro passado nestes termos: — «Seja qual for a vossa resposta, nós iremos quanto antes, corajosamente, apelando para toda a caridade ou solidariedade humana, para tôdas as iniciativas particulares». — E com as nossas pobres forças, encetámos logo a nossa santa cruzada, recebendo uma resposta magnifica, por vezes vinda dalguns governos, mas resposta que foi principalmente devida aos esforços das instituições particulares, ao esforço individual.

A nossa obra é sustentada por tôda a espécie de organizações sociais e intellectuais, distinguindo-se as Sociedades da Cruz Vermelha de quasi todos os países. A caridade ainda não morreu nos corações, é mister constatá-lo, pois



*Cadáveres acumulados num cemitério no distrito de Chuvash. A mortandade é tam grande, que não há pessoal nem tempo para dar sepultura a quantos morrem. Auxiliemos a tempo os famintos, senão a continua acumulação de mortos constituirá uma montanha, donde dimanarão epidemias, a morte.*

que, em quatro meses, conseguimos recolher 65 milhões para aliviar a fome. Urge, porém, mais, é da necessidade impreterível, devemos proclamá-lo bem alto.

A caridade, porém, não basta, esse dinheiro não passa duma pluga de água no Oceano, deixando-nos apenas no limiar da grande catástrofe. Vou já mostrar-vos, com vistas fotográficas, o que é a fome que além se sofre. As imagens que ides ver desfilam no *écran* tirei-as eu mesmo no seguimento da minha viagem, e essa viagem feita numa região do Volga que não é precisamente a mais assolada, a pior, nem mesmo tivemos tempo de tirar as piores fotografias. O que ides ver é apenas o que houve ocasião de presenciar de passagem, ao acaso, e os quadros que podeis observar não são os mais horrendos!

*(Nesta altura, Nansen manda projectar um film com fotografias tiradas algumas semanas antes no país da fome. A emoção que se produziu na sala foi imensa. Na escuridão, centenas de homens e de mulheres rompiam em soluços (1)).*

*Clarté já publicou algumas dessas fotografias. A maior parte figura naturalmente no álbum da fome editado pelo comité de assistência ao povo russo. Foram tiradas em Saratof, Samara, Boussoulouck e Markstandt, bem como nas regiões circunvizinhas destas cidades.)*

## A responsabilidade dos governos da Europa

Já fez quatro meses que pedi aos governos que nos concedessem a quantia de cinco milhões de libras esterlinas para lutar contra a fome que chegava. Pedira apenas essa quantia por julgar que podíamos organizar a luta de tal

forma que a conduziríamos vitoriosamente até Julho e que se não deixaria em seguida baquear essa obra de socorro em pleno funcionamento. Também esperava que tanto os governos da Europa como o da América viriam nobremente, corajosamente em socorro dessa população esfaimada.

— Com essa quantia teríamos salvado tantos seres humanos! — Agora, peço aos governos 3 milhões de libras. Não é bastante, mas acrescentadas ao que dá o governo americano e o governo dos soviéticos, poderemos fazer tudo que ainda hoje é possível organizar com os fracos meios de transporte de que dispomos. E' mister, porém, que os povos façam sentir aos seus governos que é necessário procederem e procederem desde já; aliás será tarde de mais.

Há quatro meses falara eu da luta a travar contra o frio e contra a fome. Julgava saber alguma coisa a respeito da fome e do frio. Mas a luta é muito pior, tanto mais terrível do que eu imaginava. Esperava encontrar lá o sofrimento e a morte, miséria mais esquelida do que quanto se possa imaginar, mas aí, o que nunca esperi foi encontrar aldeias, cidades, províncias inteiras onde a população esquelética aguarda a morte hora a hora. Tampouco esperava ver seres humanos, desvairados pela fome, entregarem-se a actos de selvajaria, homens e mulheres que pertenciam à grande família dos civilizados e que hoje estão de tal modo terrorizados pelo espectro da morte, que perderam todo o sentimento humano, e que assim que é noite vagueiam pelos cemitérios, a desenterrar cadáveres, para terem alguma coisa que comer! (1).

(1) Nas regiões do litoral do sul, as crianças iam pelas florestas à procura de raízes. Em certas aldeias da região de Itchky 100 por 150 dos habitantes são esfaimados; em outras a proporção é de 500 por 550. O aspecto das aldeias é espantoso; as mulheres e as crianças adoeceram; os homens emudeceram. Não se trabalha, quasi não se semeia.

Um dos piores aspectos da fome é o número de órfãos e crianças abandonadas que se encontram nas ruas, pálidas como espectros. Vi ontem em Marstadi um abrigo que continha camas

(1) Consta-nos que essa fita começou a percorrer o mundo.



*Emoções, Amsterdã para 10 crianças da Rússia*

Eis um grupo de crianças pertencente às 40 mil de que a Federação Sindical Internacional, de Amsterdã, tomou conta. Que diferença elas fazem daquelas cujas fotografias temos observado! Tiveram a felicidade de encontrar quem as arrancasse às garras da fome e ¡quão felizes não se consideram aqueles que concorrem para tam bela e generosa obra! Compartilhemos dessa alegria, salvando não só as criancinhas mas também os adultos, necessitados todos do nosso auxilio.

## E' preciso despertar a consciencia humana

Estas coisas não são fáceis de se dizerem nem de se ouvir, mas é mister dizê-las e ouvi-las. Digo-as eu aqui e repeti-las-ei por toda a parte, porque é imprescindível que a verdade se saiba. Quero assim despertar os povos da Europa, quero que eles conheçam a realidade, porque conhecendo-a, dirão aos seus governos que ainda que nisso façam um pequeno sacrificio financeiro, é preciso procederem sem demora.

A morte avança lá em baixo na região gelada do Volga; avança a passos gigantescos, e a sua colheita é ainda muito mais rendosa do que o foi durante esses longos anos de guerra! Pensaí nas somas monstruosas que custou aos governos para produzir essa guerra que nós vimos, e compa-

rai com o pouco que lhes custaria se quisessem salvar milhões de vidas humanas.

Se deixarmos correr, se ficarmos para aí de braços cruzados, que juízo fará de nós a História, que conceito farão de nós os nossos filhos, as gerações vindouras? Inscrever-nos hão na História como uma geração que cinco anos de guerra tornaram tal cruel e egoísta, que pudera assistir, de alma insensível, à morte de milhões dos seus irmãos e das suas irmãs!

Há apenas seis semanas que deixei a região do Volga, onde defrontei com os grandes olhos dessas crianças que acabais de ver no *écran*. Esses grandes olhos ainda me fixam e nunca me desamparam. E' para elles, é em nome dos pequeninos, em nome do amor e da humanidade que para vós apela, por vosso intermédio, apelando também para os vossos governos, para que eles procedam e procedam quanto antes!

---

para 100 crianças; 42 tinham morrido nas últimas 24 horas. Nas aldeias vizinhas de Samara vi criaturas que, tendo esgotado todas as suas provisões, esperavam a morte escondidas nas casas. Em Buzuluk, 55 mil habitantes, morrem 100 pessoas por dia. Dentro dum ano a cidade ficará quasi despovoada. Na rua principal depararam-se-me corpos roídos pelos cães. Contam-se baixinho histórias de canibalismo...

Não é possível exagerar a extensão, a intensidade e o horror da fome, de que não vimos senão uma ínfima parte. Há vastas regiões cobertas de neve que não receberam até agora nenhum socorro—e donde não sai rumor... (Da revista *Seara Nova*).

A região do ocidente do Volga está já inteiramente despovoada. Nas aldeias, as casas estão sem tecto e a maior parte delas não tem portas nem janelas. Na região do Altai, outróra tam-

---

próspera, faleceram 45 por cento da população. O mais terrível ainda está para vir. A fome cresce e com ela alastram as epidemias, grassando com intensidade o tifo. Mais de 70 por cento dos postos médicos do governo de Saratow estão sem medico.

Os cadáveres estão inseputos. Algumas pessoas fazem a sua própria cova onde se enterram vivas.

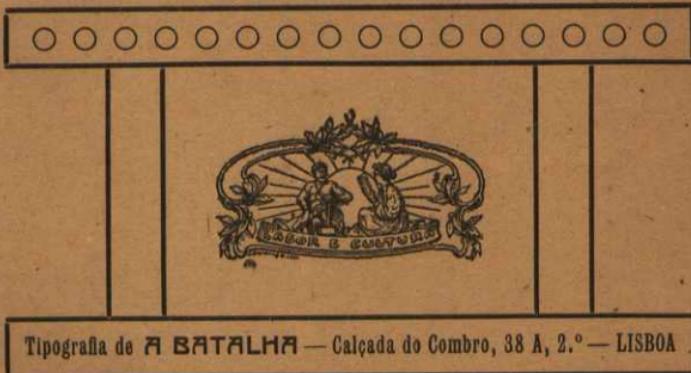
Homens e mulheres respeitáveis tem sido conduzidos aos bosques e ali assassinados, tendo muitas mães preferido atirar os filhos ao rio a vê-los sofrer. Famílias inteiras tem morrido nos porões dos navios. (Do *Bennota*, jornal bolchevista).

Populações inteiras fogem abandonando casas, terras e instrumentos agrícolas.

O caminho por onde estes desgraçados passam fica semeado de cadáveres. (Dos jornais).



1041



The image shows a decorative rectangular frame. At the top, there is a horizontal bar containing 14 small circles. Two vertical lines extend downwards from the center of this bar, framing a central emblem. The emblem is an oval-shaped crest featuring a figure seated on a throne, flanked by two other figures. The crest is surrounded by ornate floral and leaf patterns. Below the crest, a banner contains the text "ALFA E OMEGA".

Tipografia de A BATALHA — Calçada do Combro, 38 A, 2.º — LISBOA